



A LITERATURA DE AUTORIA NEGRO-FEMININA: UM CANTO À (RE) EXISTÊNCIA¹

THE BLACK-FEMALE AUTHORITY LITERATURE: A CORNER TO (RE) EXISTENCE

Ana Rita Santiago²

Resumo: A produção literária de escritoras negras no Brasil e na África, em países em língua portuguesa tem sido marcada por um árduo exercício de dessilenciamento de suas vozes autorais e visibilização de suas tessituras literárias. Diante disso, este artigo objetiva refletir sobre modos de (re) existências das autoras Noémia de Sousa, moçambicana, e Aline França, brasileira. Propõe-se ainda discutir como em suas escritas elas (re) criam possibilidades de sentidos de vida, contrapondo-se às narratividades, demarcações, geografias e práticas que lhes fixam em “lugares” de subjugações e interdições. Espera-se com este artigo leituras descritivo-interpretativas de algumas de suas dicções literárias para compreensão de como elas forjam os significados e dobras de (re) existir, criar mundos, caminhos e resistência.

Palavras-Chave: Autoria negro-feminina. (Re) Existência. Literatura.

Abstract: The literary production of black women writers in Brazil and in Africa in Portuguese-speaking countries, has been marked by an arduous exercise of desilencing their authorial voices and making their literary texts more visible. Given this, the paper reflect on ways of (re) existences of authors Noémia de Sousa, mozambican, and Aline França, brazilian. It is also proposed to discuss how in their writings they (re) create possibilities of meanings to life, in contrast to the narratives, demarcations, geographies and practices that fix them in “places” of subjugation and interdictions. It is expected with this article descriptive-interpretative readings of some of his literary diction to understand how they forge the meanings and folds of (re) exist, create worlds, and ways of resistance.

Keywords: Black-female authorship. (Re) Existence. Literature.

¹ Artigo recebido em 05 de maio de 2020 e aceito em 10 de agosto de 2020.

² Doutora em Letras (UFBA). Professora de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Integrante do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da UNEB, em Alagoinhas-BA. Membro do GT da ANPOLL A mulher na Literatura. E-mail: anaritasilva@ufrb.edu.br. ORCID: <http://orcid.org.0000.0001.7639-7321>.

Algumas palavras iniciais

Este artigo resulta de um mapeamento elaborado sobre autoras moçambicanas, entre 2015 e 2017, no estágio pós-doutoral, apresentado no livro *Cartografias em Construção – Algumas Escritoras Moçambicanas* (EDUFRB, 2019), e de pesquisas realizadas, no âmbito do doutoramento, sobre autoria feminina negra na Bahia, das quais derivou o livro *Vozes Literárias de Escritoras Negras* (EDUFRB, 2012). De tais estudos denotamos que a produção literária de mulheres negras brasileiras e moçambicanas tem desenhado, por vezes, curvas e trânsitos de uma dicção literária atravessada por temas que se circunscvem entre tradições, memórias, identidades e histórias, a vida cotidiana, sonhos, resistências, insurgências, vivências e reinvenções de (re) existências. Neste sentido, este artigo aponta as suas tessituras literárias como práticas discursivas que circulam entre os seus devires, marcados pela constituição da autoria, protoganismos, resistências, travessias e pontes hodiernas do (re) existir.

As suas textualidades literárias têm sido balizadas por um árduo exercício de dessilenciamento de suas vozes autorais e visibilização de suas palavras literárias. Diante disso, este artigo objetiva refletir sobre modos de (re) existências das autoras moçambicanas, Noémia de Sousa e Aline França, brasileiras. Propõe-se ainda discutir como em suas escritas elas (re) criam possibilidades de sentidos de vida, contrapondo-se às narratividades, demarcações, geografias e práticas que lhes fixam em “lugares” de subjugações e interdições. Espera-se com este artigo leituras descritivo-interpretativas de algumas de suas dicções literárias para compreensão de como elas forjam os significados de (re) existir, criar mundos, rumos e resistência.

Escritoras negras entre o atlântico e o índico

Em Moçambique, são muitas as mulheres que escrevem, embora sejam os homens que mais publicam e usufruem mais notoriedade (SANTIAGO, 2019). A invisibilidade de nomes de escritoras em Moçambique e a pouca valorização de suas construções literárias, por vezes, consideradas de pouco valor estético, favorece o silenciamento de suas vozes autorais e o cerceamento de sua escrita literária. Noémia de Sousa, Lina Magaia, Josima Machel, Fátima Langa, dentre outras, fizeram as suas travessias literárias em prol da libertação do jugo da dominação colonial portuguesa e da formação da nação, além de forjarem escrituras literárias, valorizando paisagens, cores, cheiros, narrativas, cosmogonias, repertórios culturais e histórias locais. Atualmente, Lília Momplé, Paulina Chiziane, Isabel Ferrão,

Felismina Velho, Sónia Sultuane, Tânia Tomé, Cri Essencia, Rosa Langa, Sara Rosário, Lica Sebastião, Lídia Mussa, Isabel Ferrão, Isabel Gil, Nilzete Monteiro, Npaiy, Énia Wa Lipanga, Rosa Isabel Maiòpué, Henriqueta Macuácuá, Vigília Ferrão, Emma Xyx, Hirodina Joshua, Dama do Bling, Donia Tembe, Emília Alexandre, Eunice Matavele, Amilca Ismael, Carla Soeiro, Clarisse Machanguana, Cláudia Constance Leal, Melita Matsinhe, Celina Sheila Macome, Hirondina Joshua, Teresa Taimo, dentre outras, inscrevem as suas identidades autorais, em construção, a trilhar, desenhando atravessamentos e criando pontes para um pulsante crescimento e fortalecimento da sintaxe literária de mulheres em Moçambique.

É preciso compreender a produção literária contemporânea dessas autoras como um projeto integrante da literatura moçambicana, através do qual se gestam palavras e narrativas (en) cantadas, comprometidas, com a fruição e defesa da *poesis*, mas também com estilos criativos e discursivos de (re) invenções e mobilizações de existências, pensamentos, culturas e identidades. Em “Orgulho de ser africana”, de Emília Alexandre, uma jovem poeta de Moçambique, uma voz descreve uma “Africana do corpo preto”, que constrói a sua trajetória acometida por operadores de promoção da branquitude em seu corpo e em sua história, tais como os cosméticos e produtos químicos de clareamento de pele.

Entre orgulho e esperança
Vives tu Africana
Africana do corpo negro
Mas com alma branca

Diante de tantos preconceitos
Naqueles que não possuem a tua raça
Nada te tira o orgulho de seres Africana

Não há pomadas, nem químicos que
Te façam mudar a tua cor
Sempre preta, como a noite sem luar
Sim, é isto que transmite o teu olhar

Gentes d'outros hemisférios
quiseram roubar-te a riqueza escondida na
mata, as raízes da tua terra para meia volta
vender-ta! Firme e decidida disseste não.
Uso-a assim naturalmente!

Natural é a tua beleza Africana
E mandaste correr o inimigo
pela força que a cor da tua pele
Carrega!

Africana de alma pura
Pronta para seguir em frente
Oh! Africana! Admiro a tua bravura!
Na imensa pobreza tu te ergues
Com a força das tuas mãos
ganhas a vida

Africana negra preta
É assim que te caracterizas, pronta
Para lutares e superares o sofrimento,
Ainda que te atormentem, vences as fraquezas

Tua luta é pela dignidade
Teu valor espalhar
Orgulho de ser Africana que és
(ALEXANDRE, 2015, p. 106-107)

Nesse poema, uma figura feminina africana é exaltada pela sua beleza física, mas também por suas posturas de resistência. A “Mãe África, berço da humanidade”, é celebrada com a sua negritude e apresentada solenemente. Nesse continente, “Africana”, com sua beleza preta, trilha com orgulho, dor, espoliação, resistência, esperança e com o colonialismo de diversos tempos, espaços e matizes.

A “Africana” é incentivada pelo sujeito lírico a, autonomamente, prosseguir a luta em prol de sua liberdade e africanidades, tornando-a referência positiva para outras “Africanas”, principalmente, para a voz poética. Neste sentido, a voz enunciadora e, acima de tudo, a “Africana” parecem estar acompanhadas de outras faces africanas femininas. Há, ainda, nesses versos livres, uma ficcionalização de si travestida de múltiplas vozes. Nisso, circunscrevem-se narrações de (re) existir, perfilhadas por orgulho de sua negritude e experiências vividas, positiva e negativamente. Já em “Africana”, da poeta, também moçambicana, Sónia Sultuane, autora moçambicana, pela vinco poético, uma voz lírica reivindica a identidade africana.

dizes que me querias sentir africana,
dizes e pensas que não o sou,
só porque não uso capulana,
porque não falo changana,
porque não uso missiri nem missangas,
deixa-me rir...
mas quem é que te disse?!
Só porque ando de “Levis, Gucci ou Diesel”,
não o sou... será?
Será que o meu sentir passa pela indumentária?
Ou o que serei
pelo sangue que me corre nas veias,
negro, árabe, indiano,

essa mistura exótica,
que me faz filha de um continente em tantos
onde todos se misturam,
e que me trazem esta profundidade,
mais forte que a indumentária ou a fala,
e sabes porquê?
Porque visto, falo, respiro, sinto e cheiro a África,
afinal o que é que tu saberás? O que tu sabes?
Deixa-me rir...
deixa-me rir...
(SULTUANE, 2006, p. 15)

Com um tom irônico, a voz poética-autoral escreve de si longe de atributos marcados por fixidez e solidez. Os versos agenciam uma estética africana feminina em favor da mobilização de identidades (HALL, 2000; 2006), distante de estereótipos e de rígidos papéis sociais, auferidos às personagens e vozes africanas e, quiçá, às figuras femininas africanas. Configuram-se, ainda, como uma oportunidade relevante de e pela palavra, inscrever e, a um só tempo, reverter rastros identitários (DERRIDA, 2004) e outras figurações de si (nós) afirmativas em meio a jogos de (re) existência. Constituem-se, inclusive, em busca de afirmação de si pautada por práticas de formação de saber, uma vez que permitem desenhar técnicas de construção e de cultura de sujeitos africanos femininos que resultem em diversas maneiras de (re) existência.

Sob essa e outras esteiras temáticas, desdobra-se a literatura moçambicana no feminino. Entre a formação da identidade autoral, mulheres escritoras da Ilha de Moçambique, de águas turvas, cinzas e também cristalinas, no Oceano Índico, com um árduo labor, constituem, publicam e divulgam as suas obras, agenciando narratividades e vozes definidoras de suas escritas, as quais são balizadas e motivadas pelo imaginário, vivências socioculturais, sonhos e anseios entrecruzados pelo desejo de palavras literárias emancipatórias, criativas e tatuadas por memórias e histórias de si (nós).

A escrita literária de mulheres negras, no Brasil, também se assemelha com a breve descrição do cenário referente às autoras africanas de Moçambique. O silenciamento e a invisibilidade de suas vozes compõem o seu percurso autoral (SANTIAGO, 2012). Ainda assim, os seus textos têm se configurado como uma gramática literária sulcada por temas que desfilam entre anseios por ressignificações de (re) existências e por fios históricos e imaginários. Maria Firmina do Reis, Auta de Souza, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus, Gilka Machado, Beatriz Nascimento, Nivalda Costa, dentre outras, são autoras negras que protagonizaram vias da escrita, para que outras, no tempo presente, em seus percursos de vida,

recriem, pela literatura, teimosamente, outros teores de inventar a existência e dizer sim à vida. Aline França, Geni Guimarães, Miriam Alves, Cristiane Sobral, Elizandra Souza, Mel Adún, Rita Santana, Livia Natália, Jocélia Fonseca, Ana Maria Gonçalves, Conceição Evaristo, Fátima Trinchão, Alzira Rufino, Lia Vieira, Mel Duarte, Cidinha da Silva, Tatiana Nascimento, Jarid Arraes, Lubi Prates, Ana Fátima Cruz dos Santos, Joelma Santos, Vânia Melo, Louise Queiroz, Eliane Alves Cruz, Jovina Souza, Louise Queiroz, Vânia Melo, Gonesa Gonçalves, Lidiane Ferreira, Liliane Almeida, Urânia Munzanzu, Calila das Mercês, Hildalia Cordeiro Fernandes, Lita Passos, Aidil Araújo Lima, Bruna Silva, dentre outras, perseguem os desafiantes movimentos de escrever, publicar e fazer circular o seu exercício literário.

Insurgentes e, às vezes, aquilombadas em coletivos, elas giram as suas assinaturas literárias em construção. Inventam-se poetisas, contistas, cronistas, narradoras e romancistas para (des) dizer de si (nós), cantar as suas existências, os seus corpos e urdir lirismos em que se entoam e narram-se (nós). Em suas contexturas, elas arquitetam vozes e motivos de existir e permanecer vivas. Com faces e universos diferenciadores, quiçá, transgressores, como força de vida e distante da esfera das representações, caracterizadas por atributos relacionados à escravização e papéis sociais de subalternidade, exotismo, libido exacerbado, elas criam possibilidades de sentidos de viver. As arquiteturas literárias dessas escritoras, pois, apresentam-se comprometidas com mobilizações que promovam outros fluxos e estilos de vida como canta o sujeito poético de “Desnuda”, de Jocelia Fonseca.

Ficarei nua
Perante o espelho
E dançarei linda
Diante dos meus próprios olhos.

Nessa ginga que me permite o reggae
Meu corpo se embala
E me dá esse sentido
Sou parte de uma tribo
De peixe nadando como quem flutua.

Sou parte de uma tribo
Dizimada com a exploração branqueadora
Mas...
Entre peixes, reggaes e sonhos
Me aprofundo em mim mesma
Sou forte, bela e insubmissa...
(FONSECA, 2012, p. 73)

Como prática de (re) invenção, nos versos, são tatuados traços diferenciadores, através dos quais a voz lírica descortina o seu corpo bonito, mas também o desenha com construções socioculturais e ancestrais. Ao se despir, a voz lírica feminina traveste-se de ousadia e resistência para demarcar auto-formação. O sujeito poético, diante de si mesmo e do espelho, mira-se, reconhecendo e encantando-se com aquilo que se tornara e recriara: dona de si, forte e bela.

Torna-se relevante compreender as sintaxes literárias de escritoras negras, no Brasil e em Moçambique, como potências de vida e um devir-resistência, ao reverter as significações hegemônicas de si (nós) e, concomitantemente, tecer as narratividades de construção de outras (re) existências e ilustrar sentidos de se estar e conceber mundos aqui e lá. A literatura dessas autoras tem o intuito, dentre outros, de criar discursos poéticos e narrativos que ficcionalizem as suas histórias e memórias, sonhos e realizações e também, por vezes, os conflitos, sofrimentos e resistências resultantes das experiências por elas imaginadas, vividas ou presenciadas. Elas, inclusive, urdem versos e prosas em que se negociem identidades, valorizam e mobilizam ancestralidades e repertórios culturais afro-brasileiros e moçambicanos.

Além disso, compreendendo a literatura como uma oportunidade de fortalecer a pujança da vida, elas planeiam narrativas e poemas que entoem cantos à (re) existência e às vicissitudes da vida, tais como o nascimento, a vida, a morte e os sentimentos, sensações e inerências associados ao existir – alegrias, dores, (des) amores, (des) ilusões, dissabores, ciúmes, tristezas, esperança etc. –. Para tanto, elas buscam garantir estratégias de escrita, publicações e divulgação de suas produções literárias, a fim de romper com o esquecimento e a não autorização a que, historicamente, se submetem as suas vozes e autorias.

Assenhoradas da palavra, escritoras, daqui e de lá, apropriam-se, portanto, do vivido ou imaginado, tornando-os inefáveis e ficcionalizados, provocando, ora fruição ora desassossegos de existências. Elas também circunscrevem recordações e lembranças esparsas e aleatórias, cunhando memórias, igualmente, anacrônicas, pessoais e coletivas, esgarçando e diluindo fronteiras entre os eu autoral, real e o ficcional. Conhecer as suas contexturas, nesse ínterim, significa reconhecê-las como ressignificações imaginárias do vivido e do porvir, de ancestralidades, trajetórias, projetos de vida, desejos, mas também sensações advindas de angústias e sofrimentos, consequentes de desmobilizações de supostas verdades e fixidez do seu viver.

Noémia Sousa e Aline França: protagonistas de poéticas de (re) existência

Carolina Noémia Abranches de Sousa, Noémia de Sousa, como é conhecida, nasceu em Catembe, Moçambique, na casa à beira do Índico, ovacionada por ela em *Shimani*, um de seus poemas, em 20 de setembro de 1926 e faleceu em Cascais, Lisboa, Portugal, em 4 de dezembro de 2002.

Até 1951, participou em Moçambique das lutas e organizações em prol da conquista da libertação e independência do jugo colonial. Entre 1951 e 1964, em decorrência do exílio, ela residiu em Portugal, atuando, profissionalmente, como tradutora. Na França, ela trabalhou na Agência Reuter e, de 1964 a 1973, no Consulado de Marrocos. Ao retornar para Portugal, em 1973, onde permaneceu até a sua morte, exerceu a sua vida profissional na Agência Noticiosa Portuguesa – ANOP, de acordo com a crítica literária moçambicana Sara Laísse Jona (2013, p. 210).

Na década de 80, após trinta e três anos, retornou a sua terra natal. Emocionada e surpreendida, ela constatou o mito em que se tornara para os seus compatriotas e para outros países africanos, segundo autor moçambicano Nelson Saúte (2011). Sua poesia libertária e de (re) existência, por exemplo, integrou o conteúdo programático da escola de formação da Frelimo e é lida, ainda hoje, em escolas moçambicanas em rodas e eventos de literatura.

Noémia de Sousa, a mãe dos poetas moçambicanos, como a denominara o compositor e cantor português Zeca Alonso, iniciou a sua escrita ainda muito jovem, produzindo, segundo Sara Jona (2013), jornais de parede e colaborando, de acordo com a pesquisadora Fátima Mendonça (2011), com jornais e revistas literárias: “Mensagem” (em Luanda, Angola), “Itinerário, Notícia do Bloqueio” (em Porto), “Moçambique 58”, “Vértice”, “Msaho e Sul”. Em 1948, assinando como N.S., ela publicou “Poema ao meu irmão negro”.

Ela atuou, inclusive, no Jornal “Brado Africano”, o qual tecia fortes críticas ao governo da Colônia e reivindicava liberdade de expressão. Nesse jornal, ela publicou vários de seus poemas que expressavam o seu inconformismo político-social e discorriam sobre temas como a dominação colonial, as diversidades racial e cultural em Moçambique, a emancipação, resistência, nação, identidade e África, como no célebre e longo poema “Sangue Negro”, codinome do seu único livro, em que uma voz lírica declara a importância da Mãe África para os seus filhos, inclusive ela.

Ó minha África misteriosa natural,
Minha virgem violentada,
Minha Mãe!
Como eu andava há tanto desterrada,

De ti alheada
Distante e egocêntrica
por estas ruas da cidade!
Engravidadas de estrangeiros
Minha Mãe, perdoa!
[...]
Mãe, minha Mãe África
Das canções escravas ao luar
Não posso, não posso repudiar
O sangue negro, o sangue bárbaro que me legaste...
Porque em mim, em minha alma, em meus nervos,
Ele é mais forte que tudo,
Eu vivo, eu sofro, eu rio através dele, Mãe.
(SOUSA, 2011, p. 112-113)

Ao cantar a África, o sujeito lírico, assinalado por cor e traços identitários territoriais, pertencimento e sentimentos, cria a si e a sua Mãe, através de imagens e linguagem, estabelecendo relações com imagens corporais, valorizando-a e demonstrando uma estreita e afetuosa relação com a sua grandiosa Mãe.

Com os escritores José Craverinha e Dolores Lopez redigiu o Manifesto a favor da Independência de Moçambique (JONA, 2013). Com o pseudônimo de Vera Micaia, ela também publicou como poeta e jornalista de agências de notícias internacionais, quando viajou por várias partes da África durante as lutas pela independência de diversos países. Muitos de seus poemas, no período colonial, circularam em movimentos de luta pelo fim da dominação europeia, mesmo sem ter sido antes publicados.

Deixa passar meu povo
Noite morna de Moçambique
e sons longínquos de marimbas chegam até mim
– certos e constantes –
Vindos não sei eu donde.
Em minha casa de madeira e zinco,
abro o rádio e deixo-me embalar...
mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.
E Roberson e Marian cantam para mim
Spirituais negros de Harlém.
“Let my people go”
– oh deixa passar o meu povo,
Deixa passar o meu povo! –
dizem.
[...]
(SOUSA, 2011, p. 40-41)

Participou, segundo Saúte (2011), de muitas antologias, tais como *Caderno de poesia negra de expressão portuguesa* (1953), organizada por Francisco José Tenreiro e Mário Pinto de Andrade; *Poesia negra de expressão portuguesa*,

editada em Paris, em 1958, organizada por Mário Pinto de Andrade; *Poesia em Moçambique* (1964), também editada por Mário Pinto de Andrade; *Poesia de Moçambique* (1960 e 1962); *Antologia temática da poesia africana – na noite grávida de punbais*, igualmente organizada por Mário Pinto de Andrade; *No reino de Caliban III* (1985), editada por Manuel Rui; “Antologia da Nova Poesia Moçambicana” (1993), organizada por Fátima Mendonça e Nelson Saúte.

Após a persistência de diversos amigos e confrades como Nelson Saúte, Michel Laban, Manuel Ferreira, Fátima Mendonça, Francisco Noa, Júlio Navarro, Leite de Vasconcelos, Rui Nogar, Gulamo Khan, dentre outros, lançou seu único livro *Sangue Negro*, Poesias, em 2001, editado pela Associação de Escritores Moçambicanos. Essa obra permanecera inédita por 50 anos, por ela silenciada, e foi escrita entre os anos 1948 e 1951 (SAÚTE, 2011, p. 125). Essa obra foi reeditada pela Editora Marimbique, em 2011, em Maputo, com a inclusão de duas seções: “Portfólio” e “Dispersos”, com o acréscimo de três poemas. Além da apresentação do escritor Nelson Saúte, dos Posfácios de Francisco Noa, Nelson Saúte e Fátima Mendonça, atualizados na linguagem, presentes também na primeira edição. Foi também publicada no Brasil, pela Editora Kapulana, em 2018.

Sua poética “emocionada”, como afirmara Francisco Noa (2011, p.133), acrescento de (re) existência, autoconhecimento e autonomia, mas não menos revolucionária e social, apresenta-se em sintonia com o movimento artístico-cultural e político “Negritude”, de Aime Cesaire e Senghor. Por conta disso, denotam-se, em suas dicções literárias, múltiplas vozes poéticas comprometidas com a afirmação e a valorização de africanidades e do continente africano, como se apresenta em “Se quiseres me conhecer”.

Se me quiseres conhecer,
estuda com olhos de bem ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde*
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do Norte.
Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida.
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos chicotes da escravatura...
Torturada e magnífica.
Altiva e mística.
Africa da cabeça aos pés
— Ah, essa sou eu!

Se quiseres compreender-me
vem debruçar-te sobre minha alma de África,
nos gemidos dos negros no cais
nos batuques frenéticos dos muchopes
na rebeldia dos machanganas
na estranha melancolia se evolvendo...
duma canção nativa, noite dentro...

E nada mais me perguntes,
se é que me queres conhecer...
Que eu não sou mais que um búzio de carne
onde a revolta de África congelou
seu grito inchado de esperança.
(SOUSA, 2011, p. 33)

Pensamentos feministas e do feminismo, bem como ideias e princípios do movimento “Renascença Negra” (NOA, 2011), oriundos dos Estados Unidos, surgidos após a abolição da escravatura, entre os meados do século XIX e o início do século XX, também transitam nos versos do lirismo de “Sangue Negro”, que se quer marcados por tons recitativos, denunciativos, libertários, imperativos e exortativos no tocante às identidades africanas, ao projeto de nação e à emancipação feminina.

A Billie Holiday, cantora

Era de noite e no quarto aprisionado em escuridão
apenas o luar entrara, sorrateiramente,
e fora derramar-se no chão.
Solidão, Solidão, Solidão.

E então,
Tua voz, minha irmã americana,
Veio do ar, do nada, nascida da própria escuridão...
Estranha, profunda, quente,
Vazada em solidão [é] escravidão [?]
(SOUSA, 2011, p. 106-107)

Perpassam a sua poética traços culturais e identitários territoriais, musicalidade, figuras de linguagem, como aliteração e anáfora (JONA, 2013), e a tradição oral (NOA, 2011), com a recorrência de repetições e provérbios. Angústias, liberdade, culturas moçambicanas, lutas, fraternidade, africanidade, alteridade, sonhos, memórias, exploração, amor à África – “Terra-mãe”, escravidão, tradição literária, diversidades, prostituição, trabalho forçado, sofrimento são algumas das constantes temáticas de *Sangue Negro* (SANTIAGO, 2019).

O seu lirismo oralizado traveste-se de poéticas da voz e do corpo, as quais se inscrevem na palavra e são inter-relacionados. Escrever, para ela, pressupõe e resulta de emoções experimentadas, física e corporalmen-

te, como se percebe nos poemas “Sangue Negro” (p. 112-113); “Negra” (p. 56); “Deixa passar meu povo” (p. 40-41); e “Solidão” (p. 98-99) etc. Assim, a poesia advém “[...] dessa relação íntima e emocional entre a voz e a música, apelo musical oriundo dos sons “tradicionais”, que sensualizando o corpo, o refazem em palavra vocalizada.” (LEITE, 2013, p. 81).

Para Nelson Saúte (1998), com seu “lirismo indignado”, Noémia de Sousa marca a sua literatura com o grande paradigma da alteridade, pois despromove a uniformidade e a normativa dos modelos. Além disso, para esse escritor, a sua poesia é contaminada pelo vírus da política, uma vez que a literatura para ela e para outros do seu tempo é um ato eminentemente político. Encarna as personagens submersas no cotidiano que lhes recusava o direito de existir. Assim a poesia dela, assinalada pelo tempo histórico e circunstâncias, é invadida por outras vozes e ela é a voz dos que não a tem.

Identidade e literatura têm relações inextricáveis na poética de Noémia de Sousa. Esse é um aspecto relevante em seus versos e, quiçá, em seu projeto literário, ao interrogar possível identidade autora e de seus (suas) leitores (as). Nessa perspectiva, a sua poesia, comprometida com a representação de um ideário, infere a ideia de ação reivindicadora e instituidora de identidades, logo de (re) existência.

Noémia de Sousa destaca-se no cenário literário africano por cantar a “Mãe-África” (FONSECA, 2015) e pelo seu protagonismo na fundação da poesia moçambicana. Ainda mais, os seus versos, relevantemente, para a construção da identidade individual e coletiva e da nação moçambicana, utilizando-se da palavra literária como instrumento de resistência cultural, denúncia e conscientização.

No Brasil, mais especificamente, na Bahia, a romancista Aline França também se destaca pela dedicação à escrita literária com o mote de fruição, mas também de provocações de sentidos da vida e de suas múltiplas dimensões. Ela nasceu em 15 de fevereiro de 1948, em Teodoro Sampaio-BA. Começou a escrever quando, ainda criança e trabalhava com seus pais na agricultura. Na década de 70, ela iniciou a sua carreira profissional como funcionária pública da Universidade Federal da Bahia.

Em 1982, ela participou da antologia *Dicionário de Escritores Baianos*, com o texto “Mensagens dos nossos ancestrais”. Integrou comissões julgadoras em concursos como Miss Afro-Bahia (1982) e Festival de Música Popular (1985). Produz e dirige peças teatrais, tais como o show “Coisas da terra”, em 1983, “Bahia africanismo”, em 1984, “Os Estandartes”, na década de 90, “Emoções das Águas” e, em 2005, “As fontes antigas de Salvador e seus convidados”. Além disso, já participou de diversos debates sobre a mulher e o negro na literatura afro-brasileira.

Em 1990, viajou à Bélgica, onde participou da Feira Internacional do Livro de Bruxelas e proferiu palestras em seminários organizados por associações femininas europeias e latino-americanas. Já recebeu diversas homenagens e os seguintes prêmios: “Destaque Literário do Ano”, concedido pela Televisão Itapoan, em 1985, e o “Mario Gusmão”, em 2013, concedido pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), no II Fórum Internacional 20 de Novembro.

Já participou de antologias e publicou os seguintes livros: a novela *Negão Dony* (1978), que narra a história de um funcionário do manicômio do Estado, um conhecedor do candomblé; em 1981, o romance *A mulher de Aleduma*, em segunda edição (1985) e a terceira no prelo, o seu livro mais conhecido; em 1993, *Os Estandartes*, narrativa que cria os “fortiafri” – membros de uma comunidade que tem a missão de alertar o mundo sobre a espiritualidade e a preservação da natureza. Essa obra foi adaptada para o teatro e a sua estreia integrou as comemorações pelos 300 anos de Zumbi dos Palmares; e *Emoções das Águas*, em 2005, a qual também se tornou um roteiro de peça teatral, apresenta como tema principal a arte transversalizada com a educação ambiental e a cultura.

O lançamento de *A mulher de Aleduma* foi o mais robusto de crítica literária, divulgação e reconhecimento nacional e internacional. A revista nigeriana “Ophelia”, publicada em língua inglesa e de circulação internacional, categorizou Aline França como uma importante precursora da literatura contemporânea no gênero ficção. A escritora foi entrevistada por jornalistas do Brasil, da Nigéria, Bélgica, Alemanha, Estados Unidos, Itália e da Holanda.

A produção literária de Aline França apresenta provocações e sinalizações de uma gramática literária constituída por temas que se ancoram em reinvenções de (re) existências, culturas e estampas afro-brasileiras. É preciso compreendê-la como um projeto de escrita, através do qual se gestam narrativas (en) cantadas, comprometidas, não tão somente com a fruição, mas também com modos criativos e discursivos de mobilização de existências. Assim, Aline França arquiteta textualidades literárias em que cosmogonias, culturas, personagens, espaços, vozes, narrativas, eminente e predominantemente, africano-negro-brasileiras são presentes, princípios, argumentos, meios e fins de suas publicações.

Em certo continente da Terra, há milênios atrás, proveniente do espaço longínquo surgiu um negro de aparência divina, com uma missão de iniciar a proliferação de uma raça que futuramente viria a se tornar, na história desse

continente, um componente de relevante importância. Era Aleduma, um Deus Negro, de inteligência superior, vindo do planeta IGNUM, governado pela Deusa Salópia. Seu porte altivo, pele reluzente, ligeiramente corcunda, com pés voltados para trás, barba trançada, caída até o chão, dava-lhe um aspecto singular. Veio para a escolha do local onde se desenvolveria raça negra. Em IGNUM era dia de festa em honra à Deusa Salópia. As mulheres usavam bonitos penteados e seguravam fortemente suas tranças de tiumja. Estavam preparadas para montar no IZIBUM, animal feroz que bufava e enfrentava-as com seus grandes cornos. A vencedora terá como prêmio uma viagem ao planeta Terra e, juntamente com um parceiro de que já fôra vencedor em uma competição anterior, viajará para povoar a região escolhida pelo Velho Aleduma. (FRANÇA, 1985, p. 7)

Com esses motes, nutridos pela imaginação e pela linguagem, Aline França constrói a si e a nós, cria mundos, planetas, jeitos de viver, personagens, tempos, narrativas, possibilidades de autoconhecimento, de se estar (e estarmos) no mundo e de resistir circunscritas por múltiplas realidades que nos circundam.

A *poesis* de Aline França é atual por aguçar a imaginação e oportunizar o autoconhecimento e a costura de retalhos de repertórios culturais africanos ressignificados e recriados aqui no Brasil. Além disso, é necessária para continuarmos a pensar, a sonhar e a arranjar outros mundos, tipos de empoderamentos femininos e outros planetas possíveis. É, por fim, contemporânea por transcender os tempos históricos e territórios, possibilitando viver a filosofia africana bantu *Ubuntu*: “Sou porque somos”, como se desenha na narrativa e no seu povo “os fortiafri”, de *Os Estandartes*, valorizando as referências ancestrais e culturais (olhando para trás, tais quais “os pés para trás” de personagens de *A Mulher de Aleduma* ou na narrativa de *Negão Dony*).

[...] O casal extasiado percorria com os olhos todos os cantos. Estavam nus e mostravam os seus órgãos genitais que curiosamente tinham formas bem diferentes. O pênis trazia, em toda a extensão, uma película que lembrava uma barbatana de peixe, e desembocava na região do ânus. A vagina possuía uma adaptação em um dos lábios que se acoplava àquela película do pênis, formando verdadeiras peças correspondentes durante o ato sexual. A prole aumentava cada vez mais e aquela região da Terra ia sendo povoada conforme o estabelecido por Ignium [...]

Ignium, planeta de mar, dos mais belos e majestosos, e exerce uma total influência nos mares terrenos. A bravura da maré aqui na Terra, é coordenada pela atividade do mar de Ignium, o grande mar, o rei dos mares, o começo e o

fim de todos os mares do universo. Quando a maré torna vazante na Terra, é porque o mar de Igunum se encontra calmo como a brancura de uma pomba que serenamente voa nos céus [...]

Igunum é todo festa para receber o Velho Aleduma que, sorridente e reverentemente, se dirigia até a Deusa Salópia que estende sua mão direita, toca na sua testa e observa: - “O seu regresso nos alimenta energicamente, somos todos fluidos benéficos [...]”(FRANÇA, 1985, p. 8-9)

A obra de Aline França é importante para o tempo presente por planear e traçar outros mundos possíveis de (re) existências. Urge, pois, que a obra de Aline França seja mais divulgada, lida e reconhecida. Necessário se faz também que as teorias e críticas literárias se reconstruam no sentido de compreendê-la e interpretá-la com epistemes mais próximas de pensamentos e repertórios culturais africanos e afro-brasileiros. As suas textualidades não podem ser simplesmente entendidas com a matiz do insólito ou pressupostos da Literatura Fantástica ou do Realismo Mágico, por exemplo. É preciso também reconhecer e entendê-la sobre o viés das filosofias, cosmogonias e culturas africano-negro-brasileiras, negociadas e recriadas no Brasil, já que as suas obras estão tatuadas por ancestralidades milenares que nos são caras, distantes dos fenômenos extraordinários ocidentais e próximos de comunalidades ancestrais dinâmicas, pulsantes, dançantes e guerreiras.

Em seus agenciamentos literários, Noémia de Sousa e Aline França exaltam, em seus específicos contextos, identidades e ancestralidades africanas e afro-brasileiras, respectivamente, e tensionam outros discursos e representatividades de Áfricas, ilustrações negras, repertórios culturais africanas e afro-brasileiras, bem como (in) escrevem outros em que desenham as africanidades como um valor positivo, entrecruzados por exercícios de valorização e, principalmente, por escrituras de resistência. Assim, com a linguagem e a palavra criadora, elas ficcionalizam e acenam lindas paisagens, narrativas e, por vezes, duras realidades espalhadas por Áfricas e pelos Brasis, (re) fazendo esses territórios, vicissitudes e existências.

Algumas considerações (in) conclusivas

Escrever, publicar e divulgar as suas produções, nacional e internacionalmente, quase sempre, têm sido um trabalho hercúleo e quase inatingível para autoras negras em língua portuguesa, principalmente no Brasil e em Moçambique. Ainda assim, elas perseguem tais dispositivos para agenciar

percursos e possibilidades de circulação de suas contexturas, bem como de formação de leitores (as), ao urdirem estratégias, espaços e condições editoriais de visibilidade e dizibilidade no universo da produção literária.

Tecer considerações, neste íterim, sobre a escritura literária de Noémia de Sousa e Aline França é de suma importância para trazer à cena os seus projetos literários ainda não, satisfatória e devidamente, (re) conhecidos aqui, no Brasil, e lá, em Moçambique, e, mais ainda, para que não se percam nos descaminhos da memória, do memorocídio e do apagamento. Além disso, visitar as trajetórias e textualidades dessas autoras têm-se, certamente, relevantes oportunidades de conhecer vozes e cantos insurgentes e de se estar no território do (a) outro (a) que, quiçá, poderá ser de nós mesmos (as) e compreender suas odes à vida. Outrossim, ler os seus textos podem se tornar experiências indeléveis de se imaginar mundos, existências e costurar sentidos e caminhos, destecendo outros, se se fizer necessário e assim se quiser.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Emília. Orgulho de ser africana. In BARGA, Alex; INÁCIO, Stélio (Org.). **Antologia Poética** – Sonhos, Caminhos & Lutas. Maputo: MOLIJU, 2015.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FONSECA, Jocélia. “Desnuda”. In BARBOSA, CLÉA et al. **Importuno poético**. Salvador, 2006.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Literaturas africanas de língua portuguesa**. Mobilidades e trânsitos diaspóricos. Belo Horizonte: Nandyala, 2015.

FRANÇA, Aline. **A mulher de Aleduma**. 2 ed. Salvador: Ianamá, 1985.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In SILVA, Tomaz Tadeu da et al (Org.). **Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília; Representação da UNESCO no Brasil, 2006.

JONA, Sara. **Noémia de Sousa** – Poetisa do futuro – (1926-2002). In **Entre o Índico e o Atlântico**. Ensaios sobre literatura e outros textos. Maputo: Ndjira, 2013. (Coleção Horizonte da Palavra).

LEITE, Ana Mafalda. **Voz, corpo e sonho: a poesia de Noémia de Sousa**. In **Ensaaios sobre Literaturas Africanas**. Maputo: Alcance editores, 2013.

MENDONÇA, Fátima. Moçambique, lugar para a poesia: anos cinquenta. In SOUSA, Nóemia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.

NOA, Francisco. Noémia de Sousa: A metafísica do grito. In SOUSA, Nóemia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.

SANTIAGO, Ana Rita. **Cartografias em Construção** – Algumas Autoras de Moçambique. Cruz das Almas: EDUFRB, 2019.

SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes Literárias Negras**. Cruz das Almas: EDUFRB, 2012.

SAÚTE, Nelson. A mãe dos poetas moçambicanos. Introdução à primeira edição. In SOUSA, Nóemia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.

SOUSA, Noémia. **Sangue Negro**. Poesias. 2 ed. Maputo: Marimbique, 2011.

SULTUANE, Sónia. Africana. In SULTUANE, Sónia. **Imaginar o poetizado**. Maputo: Ndjira, 2006.